

De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado

Maria de Lourdes Netto Simões
DLA – Universidade Estadual de Santa Cruz – UFBA

Por mares nunca dantes navegados
Camões

Eu vim de longe, vim ver Gabriela
Jorge Amado

Considerações iniciais

Vivenciando novas concepções de espaço, o leitor destes tempos mais recentes não traz no seu repertório imagens como aquelas de outrora. Deixaram de existir as experiências que as cidades oportunizavam: o apreciar as ruas, o sentar-se na praça, o caminhar a esmo, o perder-se nos bairros. No cotidiano das metrópoles, as pessoas não mais convivem com a cidade enquanto elemento de intimidade, lazer, cumplicidade. Elas (as cidades) tornaram-se sinônimo de insegurança e violência. O mundo globalizado elegeu os *shoppings* como os centros de comércio, lazer, ponto de encontro e deslumbramentos. Como bem observa Canclini¹, perdeu-se a experiência do conjunto. A cidade deixa de ser centralizada, para ser multifocal. Mudou a concepção do urbano, atrelada que está às questões da globalização.

¹ CANCLINI, Nestor Garcia. *Imaginários urbanos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.

Nesse contexto, habita o leitor que, ao interpretar o imaginado ficcional tem a sua curiosidade aguçada para conhecer um mundo não familiar. Movido pela vontade de ver a paisagem que inspirou o texto literário, “passeia” pela cidade que a ficção oferece. Assim nasce o *leitor-turista*. Não satisfeito, porém, com a mobilidade ficcional somente, ele quer “ler”/ver, ao vivo e a cores, os locais reais tomados pela ficção. De leitor a turista é um passo: aquele que a mobilidade e o trânsito permitem. Torna-se *turista-leitor*, viajando para re-conhecer e observar as re-significações daquelas cidades, antes “visitadas” através da leitura.

Certamente, além da curiosidade instigada por aquela interpretação, move, também, esse leitor especial o sentimento mais recente de desterritorialização (provocado pelas interações globais) e, ainda, a valorização do regional, do local. Ou, mesmo, ele vê a cidade como densidade histórica².

Realizo essas considerações iniciais para sustentar a idéia de que a leitura de textos ficcionais contribui para o fluxo turístico de cidades ficcionalizadas. Nesse raciocínio, o *efeito*³ do texto sobre o leitor instiga-o a se tornar um *leitor-turista*, que “passeia” pela cidade-ficção, através das páginas que o livro lhe oferece; posteriormente, os passeios imaginados não mais o satisfazem e o turista, que existe nesse leitor, assume-se em *turista-leitor*, quando viaja, deslocando-se para conhecer a cidade real, inspiradora daquela ficcionalizada.

Para desenvolver esse raciocínio, foco Ilhéus, cidade situada no litoral sul baiano, centro do palco da saga cacauera de Jorge Amado, como sabemos, escritor brasileiro mais divulgado, traduzido e lido no exterior. Inicialmente, observo a relação entre a sua obra (percurso produtivo) e o leitor. Depois, progressivamente, ocupo-me das incursões realizadas pelo *leitor-turista* e pelo *turista-leitor*. Finalmente, analiso as reconfigurações, inclusive aquelas provocadas pelas interações entre o *turista-leitor* e o habitante do local.

1. A obra e o leitor

É mais que sabido que Jorge Amado ultrapassa fronteiras nacionais e ocupa o mundo com a sua obra. Os livros *Cacau*, *Terras do Sem-fim*, *Gabriela*, *cravo e canela*, *São Jorge dos Ilhéus*, *Tocaia grande*, por vieses diferentes, fazem povoar o imaginário de leitores de imagens das terras do Cacau da Bahia, sua cultura, sua gente. Contam ficcionalmente a história da vigorosa nação grapiúna, que habita

² CANCLINI, op. cit.

³ ISER, Wolfgang. *El Acto de Leer*. Madrid: Taurus, 1987.

as terras de São Jorge dos Ilhéus. Valendo-se da sua memória e das vivências do menino grapiúna que foi, Jorge Amado pintou o seu universo, deu perfil e ambientou os seus personagens, fazendo o contraponto com a História da Região.

Se a obra amadiana tem vários momentos e fases, o seu leitor caminha com elas. Primeiro, sob um foco neo-realista (anos 30), que concretiza sentidos centrados na problemática social, na relação de classe; depois, atentos ao relato fácil e agradável do contador, a movimentação da cidade de Ilhéus, a sua sociedade, os seus costumes; a seguir, buscando, na obra, o entendimento da cultura, das questões étnicas, da história e formação da nação grapiúna.

Puderam os leitores acompanhar as injustiças sociais, a prepotência dos coronéis, a servidão dos trabalhadores rurais, em *Cacau*, em 1932; a conquista feudal (*Terras do Sem-fim*, 1942), a conquista imperialista dos exportadores (*São Jorge dos Ilhéus*, 1944), a demonstração da força política (*Gabiela, cravo e canela*, 1958). Quarenta anos depois, esses mesmos leitores (e outros mais) têm a oportunidade de conhecer outra ótica do acontecido quando, em *Tocaia grande* (1983), recebem a versão não-oficial da saga do cacau, através da visão daqueles que foram esquecidos, injustiçados – *a face obscura* (segundo o próprio Jorge Amado), através do olhar de sergipanos, prostitutas, comerciantes, jagunços...⁴

Assim é que aquele mesmo leitor que leu os livros produzidos nos anos 30, que se deparou com a época da conquista das terras, da luta de classes (coronel x trabalhador rural), a ação dos jagunços (ajudando os coronéis a enriquecerem pela força da sua ambição), também divertiu-se com as noitadas do Bataclan, deliciou-se com os bolinhos da Gabriela, acompanhou as negociações políticas da mudança do porto de Ilhéus, a exportação do cacau, a sua comercialização. Depois, acompanhou a formação dessa civilização grapiúna já por outra ótica, que foca a identidade, reconhece sergipanos, negros e turcos como elementos formadores dessa cultura. Mostra como as classes menos aquinhoadas contribuíram e enriqueceram o panorama cultural local. Conhecem a história contada por outro viés.

2. O leitor-turista

Devido ao alcance da recepção da sua obra, Jorge Amado ganha leitores de múltiplas nacionalidades que, estando em locais os mais diversos, “visitam” a cidade de Ilhéus, apresentada nas páginas dos vários livros da saga cacauera.

⁴ SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A Civilização das Terras de Jorge Amado. In: *Colóquio letras*, 127/128. Lisboa, pp. 260-4, jan.-jun, 1993.

Tal recepção aumenta expressivamente devido às várias adaptações do texto literário para o cinema, teatro, televisão, rádio e, até mesmo, para a história em quadrinhos. Assim é que o *leitor-turista*, mais recentemente, realiza a “viagem”, também, através das novelas, dos filmes exibidos na televisão e no cinema. Esses vários apelos somam-se e instigam o turista que existe no leitor, quando a obra ultrapassa a arte literária e ganha a tela do cinema e da televisão (Gabriela) ou inspira novelas (Gabriela, Porto dos Milagres, Renascer), fazendo espectadores-turistas nos vários cantos do país e do exterior. O interesse por Ilhéus toma novas cores. Aguça-lhes a curiosidade de conhecer a cidade palco de tantos interesses, de tantas lutas, tanta vida, tanta miscigenação cultural.

Se, num primeiro momento, o leitor é tomado pelo contato com o espaço (as ruas, as praças, as fazendas, e a trama que é urdida nesse cenário), depois, além do espaço, suscitam o seu interesse outras questões mais políticas e de exigências culturais, de discussão identitária, relacionadas principalmente à formação da nação grapiúna: a presença do sergipano, a influência do negro, as raízes turcas⁵.

Instigado pelas ressignificações literárias, o *leitor-turista* é impulsionado a visitar o local, conviver com a gente, perceber a cultura; poder sentir, da sua perspectiva de leitor, aquela realidade ficcionalizada.

3. O turista-leitor

Passando de leitor a turista, o tornado *turista-leitor* desloca-se em busca de reconhecer a região das páginas de Jorge Amado.

Se o fluxo turístico da cidade de Ilhéus cresce devido à ação da obra sobre o leitor — que, como eu disse, depois de realizar “viagens” através do livro é movido a visitar o local palco da ficção — esse mesmo fluxo turístico aumenta quando a repercussão e aceitação da obra amadiana torna-se alvo de maior atenção nacional e internacional.

Dessa forma, a obra do escritor grapiúna tem trazido às terras dos “frutos de ouro” um *turista-leitor* ávido por re-conhecer a Gabriela, o Vesúvio, o Bataclan... Provar o fruto do cacau, o bolinho da Gabriela. Sentar na praça da catedral, ou andar nas ruas estreitas da cidade por onde passavam Malvina e Gerusa. Ansioso por “ler” a cidade como texto cultural.

De todos os livros, *Gabriela, cravo e canela* é, sem dúvida, o maior responsável pelo fluxo do *turista-leitor* à Ilhéus. Vindo das várias partes do Brasil e do exterior, ele chega à cidade com exigências

⁵ SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A literatura da região cacauceira baiana: questões identitárias. In: *Revista do centro de estudos portugueses Hélio Simões. Ilhéus: Editus.* p. 119-127. Republicado em *Águas do Almada - Cultural.* Ago. 1999.

pontuais, relacionando as suas concretizações de sentido à realidade encontrada na paisagem real.

Evidentemente essa cidade alvo da curiosidade turística, não é aquela pintada pelo narrador de Gabriela. Nem a Gabriela, figura da sociedade ilheense, é a Gabriela de Jorge Amado. Inspiradora do contador de estórias, sim. Tal distância se, por vezes, surpreende o turista que quer re-conhecer, no real, o que imaginou através da leitura ficcional; por outras, chegou mesmo, num tempo, a criar constrangimentos locais, quando alguém da comunidade se reconhecia em alguns dos personagens ou era procurado por turistas-leitores curiosos em aproximarem a ficção da realidade.

Para muitos, não adianta a explicação de que o imaginário apenas capta as suas idéias da realidade, processa-as e as torna em fingimento. Mentira? Não. Pelo menos não na sua concepção corriqueira. Mas realidade imaginada, aquela capturada do vivido e constituída em sentido — ou seja, ficcionalizada. É claro que isso nada mais é do que o processo do fazer literário, que nem sempre interessa ao turista. Mas se de tanto imaginar não tivesse Jorge Amado escrito as suas estórias, como poderia ter dado o “salto” do olhar e enxergado a mesma terra e a mesma gente por outro viés, aquele da *face obscura*?

Um outro lado da expectativa do *turista-leitor* é encontrar naquela cidade pacata, aquela dos olhos de Jorge Amado, como que parada no tempo. O turista foge dos grandes centros, da mesmice dos *shopping centers* globalizados e busca a cidade viva, não artificializada. Busca o centro da cidade, a pracinha, a paisagem peculiar que não existem nas metrópolis. Surpreende-se quando não mais encontra cavalos nas ruas, coronéis com seus chapéus de aba larga, burros com caçuás, levando o cacau para o porto, moças nas janelas, o Bataclan fervilhando de mulheres, o mar lambendo a praia da avenida Soares Lopes, a praia do Pontal cheia de banhistas... Tudo mudou. O tempo é outro. Não somente porque a ótica é diferente, também porque o lugar-tempo do olhar está deslocado.

Sabemos que o tempo e os homens operaram a reconfiguração da região do cacau. Itabuna, o antigo arruado entreposto de vendas e distrito de Ilhéus, não é mais a Tabocas dos sergipanos e dos turcos comerciantes; e Ilhéus não é mais a Ilhéus do *Gabriela, cravo e canela*, apesar de a catedral estar no mesmo lugar. Até mesmo as disputas entre as cidades arrefeceram, cada uma assumindo o seu perfil: do lugar de “papa-jaca” (Itabuna) e “papa-caranguejo” (Ilhéus), para o de centro comercial (inclusive com *shopping center*), a primeira; de centro turístico, a segunda.

4. Reconfigurações

Agora, o *turista-leitor* encontra um Bataclan restaurado fisicamente e reconfigurado culturalmente, para atrair o turista. Um Vesúvio transformado em restaurante, um porto virado Centro de vendas de artesanato. O teatro, a catedral, restaurados. Não mais jagunços, não mais pelejas. São outras as pelejas. A decadência da lavoura atingiu a cidade. Os palacetes dos coronéis estão desabitados ou transformados. Enquanto o turista busca o reconhecimento, a presença da obra amadiana se faz, para o local, reconfigurada em exploração turística. Pousadas, restaurantes, baianas de acarajés. O signo *Gabriela* está por toda a parte. Ônibus urbanos, lanchonetes, pousadas... Tipos de sanduíche, sorvetes... O símbolo da Gabriela atrai pela beleza, sensualidade, cheiro (de cravo e canela), instituindo o “tipo” Gabriela

Mas a expectativa do *turista-leitor* não se descola do imaginado. Ele teimosamente se reporta à sua leitura do texto ficcional, procurando locais, hábitos, tipos, culinária. Estranha não encontrar, em Ilhéus, a cidade lida na ficção. Os costumes mudaram. A cidade tomou novos ares. O porto é outro: agora, o maior em mar aberto da América Latina; construído em espigão adentrando o mar, provocou impactos ambientais, fazendo a praia da Avenida Soares Lopes crescer, com o recuo do mar. O Vesúvio e o Bataclan, restaurados agora, fazem outro tipo de convite. Desconfiguraram-se alguns traços identitários. Reconfiguraram-se outros. Mas o *turista-leitor* busca na cidade as respostas para as suas perguntas. É mesmo como diz Calvino, em *Cidades invisíveis*, pela boca do seu personagem Marco Pólo, “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”⁶.

Por sua vez, o habitante local (também leitor), sentindo-se um tanto dono da “marca”, busca explorar o que a obra produziu. Faz a sua cidade re-ler a obra através de apelos semióticos. Estabelece “pontes” entre o imaginado e o real. Assim, passa a acontecer uma relação entre os turistas e os locais; relação essa que tem, como intersecção, a obra amadiana. Os locais procuram traduzir isso para os turistas, na maneira de receber, de comer, de viver. Assim a cidade é tornada texto, re-lida.

Dessa forma, Jorge Amado transformou-se em ícone e a sua obra torna-se estratégia para sustentabilidade e desenvolvimento local, através do turismo — é ressignificada em mercadoria.

A relação entre locais e turistas contribui para a construção da cidadania cultural local. Isto porque esse tipo de aproximação — como observa Canclini referindo-se à construção da cidadania cultural —

⁶ CALVINO, Italo. (1972). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 35.

⁷ CANCLINI, op. cit., p. 96.

“não se organiza somente sobre princípios políticos, segundo a participação “real” (...) mas também de uma cultura formada nos atos e interações cotidianos, e em projeção imaginária desses atos em mapas mentais da vida urbana”⁷. Assim, se o turista vem à região movido pela leitura de Jorge Amado, os habitantes locais exploram essas leituras para receber ‘amadianamente’ o turista.

Textos sobre textos. A literatura provocando a vida. A cidade revisitada, agora ela, vida, sugere uma outra visitação à obra literária. Outros leitores surgem... outros turistas...

Referências bibliográficas

- CALVINO, Italo. (1972). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Imaginários urbanos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.
- ISER, Wolfgang. *El Acto de Leer*. Madrid: Taurus, 1987.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A literatura da região cacauceira baiana: questões identitárias. In: *Revista do centro de estudos portugueses Hélio Simões. Ilhéus: Editus*. p. 119-127. Republicado em *Águas do Almada-Cultural*. Ago. 1999.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A Civilização das Terras de Jorge Amado. In: *Colóquio letras*, 127/128, Lisboa, pp. 260-4, jan.-jun, 1993.

